



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

HERÁCLITO HALLYSON SOUZA DE MEDEIROS

**A questão ético-educacional trilhada por Marinalva Freire da
Silva à luz do pensamento de Nicolau Maquiavel.**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

HERÁCLITO HALLYSON SOUZA DE MEDEIROS

**A questão ético-educacional trilhada por Marinalva Freire da
Silva à luz do pensamento de Nicolau Maquiavel**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz

CAMPINA GRANDE – PB

2014

M488q Medeiros, Heráclito Hallyson Souza de
A questão ético-educacional trilhada por Marinalva Freire da
Silva à luz do pensamento de Nicolau Maquiavel. [manuscrito] : /
Heráclito Hallyson Souza de Medeiros. - 2014.

46 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Ma. Rafael Francisco Braz, Departamento
de Letras".

"Colaboração: Marinalva Freire da Silva".
1. Educação. 2. Ética. 2. Política. I. Título.

21. ed. CDD 370

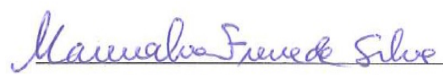
HERÁCLITO HALLYSON SOUZA DE MEDEIROS

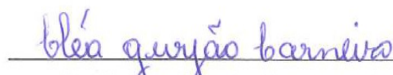
**A questão ético-educacional trilhada por Marinalva Freire da
Silva à luz do pensamento de Nicolau Maquiavel.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovado em 30/08/2014.

 Nota _____
Prof^o Ms. Rafael Francisco Braz / UEPB
Orientador

 Nota _____
Prof^a Dr^a Marinalva Freire da Silva / UEPB
Examinadora -I

 Nota _____
Prof^a. Ms. Cléa Gurjão Carneiro / UEPB
Examinadora -II

Média 

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Hamilton e Selma, aos meus cinco irmãos e principalmente a minha guerreira esposa Vitória, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, que é pai todo poderoso.

À coordenação do curso de Especialização, por seu empenho e dedicação.

Ao professor Ms. Rafael Francisco Braz pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação, apoio e crédito depositados nesse trabalho.

Ao meu pai Hamilton, a minha mãe Selma, e aos meus cinco irmãos Hérica, Hericlapton, Herusca, Herieckson e Hericlécia pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Aos meus avós Ailton e Zefinha (*in memoriam*), embora ausentes fisicamente, sentia suas presenças ao meu lado, dando-me força. Sempre procurei seguir seus ensinamentos para alcançar a prática da cidadania honrosa como eles viveram

A minha querida e guerreira esposa Vitória, que há mais de uma década é de falta uma vitória na minha vida. Mãe dos meus filhos Herácles e Vivian que mim compreenderam as várias vezes que ficamos ausentes de nossa casa para alcançar esse sonho.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa. A professora Alécia Lucélia Gomes Pereira e o professor Antonio Gregório da Silva pelo incentivo e auxílio ao longo deste período.

Aos colegas de turma: Ednaldo, Tércio, Thiago, Guilherme e Rennaly pelos momentos de amizade e apoio.

[...] Por que, de modo geral, pode-se dizer que os homens são ingratos,

**volúveis, fingidos e
dissimulados, avesso ao
perigo, ávidos de ganhos.**

(MAQUIAVEL, 2010: 102).

RESUMO

Em nossa sociedade estamos, permanentemente discutindo sobre ética, pois as modificações nos costumes, e busca constante para encontrar o significado da existência da humanidade, depara-se com a falta de parâmetros para definir as ações dos seus membros. Para tanto, observamos como a educação é responsável pela formação dos cidadãos, em um encontro com a teoria e a prática. Recorrer aos pensadores, às teorias e as experiências, possibilitam um confronto de ideias na construção da identidade ético-educacional do professor. A educação é um primeiro contato do ser humano com a sociedade, que será moldado como prática que devem obedecer a critérios que foram alcançados por anos de convivência social, envolvendo, assim, o poder e a ética. Nossa pesquisa tem como objetivo apresentar a questão da existência da ética e de poder à luz do pensamento de Maquiável (1469-1527), dentro de uma perspectiva educacional, a partir da visão da educadora Marinalva Freire da Silva. O pensamento de Maquiável será refletido por meio de sua obra mais famosa, *O Príncipe*. Nesta, o autor, ao partir de sua compreensão sobre domínio, desenvolve uma perspectiva política pelo descarte do idealismo cristã, como, mostra, também, indiretamente, uma preocupação com a educação, o que pode ser percebido dentro de uma experiência educacional da educadora Marinalva Freire da Silva. Demonstrou a teoria político-educacional, desta, sua concepção de estado, e sua visão sobre ética. Fugindo do idealismo, Maquiavel acaba por criar um estado ideal e um príncipe ideal, trazendo uma síntese do pensamento ético e educacional. O Príncipe”, construindo um paralelo com o sentido ético-educacional encontrado no pensamento da educadora Marinalva Freire da Silva.

PALAVRAS - CHAVE: Ética; Política; Educação; Poder.

RÉSUMÉ

Dans notre société, nous sommes constamment discutons de l'éthique, parce que les changements dans les coutumes et la recherche constante pour trouver le sens de l'existence de l'humanité est confrontée à l'absence de paramètres pour définir les actions de ses membres. Pour ce faire, d'observer comment l'éducation est responsable de la formation des citoyens à une réunion avec la théorie et la pratique. Appel à des penseurs, des théories et des expériences, de permettre l'échange d'idées dans la construction de l'identité éthique de la formation des enseignants. L'éducation est le premier contact entre les êtres humains et de la société, qui sera en forme de pratique qui doit répondre à des critères qui ont été obtenus par des années de coexistence sociale, impliquant ainsi la puissance et de l'éthique. Notre recherche vise à présenter la question de l'existence de l'éthique et de la puissance à la lumière de la pensée de Maquiavel (1469-1527), dans une perspective éducative, du point de vue de l'éducateur Marinalva Freire da Silva. La pensée de Maquiavel sera reflétée à travers son œuvre la plus célèbre, Le Prince. Ceci, lorsque l'auteur de sa compréhension du domaine, développe un point de vue politique la disposition de l'idéalisme chrétien, comme, aussi, indirectement, montre un souci de l'éducation, qui peut être réalisé dans une expérience éducative de l'éducateur Marinalva Freire da Silva. Démontré la théorie politique et éducatif, ce, sa conception de l'État, et son point de vue sur l'éthique. Fuyant l'idéalisme, Maquiavel finalement créer un état idéal et un prince idéal, apportant une synthèse de la pensée éthique et éducatif. Le prince, «la construction d'un parallèle avec le sens de l'éthique et éducatif trouvé dans la pensée de éducateur Marinalva Freire da Silva.

Mots - Clés: éthique; Politique; l'éducation; pouvoir.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 O QUE É ÉTICA	11
2 ÉTICA E PODER EM MAQUIÁVEL(1469-1527)	15
2.1 VIDA E OBRA DE MAQUIAVEL (1469-1527).....	15
2.2 CONTEXTO SÓCIO CULTURAL.....	19
2.3 A OBRA “ O PRÍNCIPE”	24
2.4 ÉTICA EM MAQUIÁVEL	25
3. A QUESTÃO ÉTICO-EDUCACIONAL EM MARINALVA FREIRE DA SILVA A LUZ DO PENSAMENTO DE NICOLAU MAQUIÁVEL	32
3.1 A SIMPLICIDADE DE UMA EDUCADORA.....	32
3.2 ÉTICA E ALTERIDADE NA EDUCAÇÃO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade estamos, permanentemente discutindo sobre a ética, pois as modificações em nos costumes e a busca constante para encontrar o significado da existência da humanidade, depara-se com a falta de parâmetros para definir as ações dos seus membros. Para tanto, observamos como a educação é responsável pela formação dos cidadãos, em um encontro com a teoria e a com a sua prática.

Recorrer aos pensadores, às teorias e as experiências, possibilitam um confronto de ideias na construção da identidade ético-educacional do professor. A educação é um primeiro contato do ser humano com a sociedade, que será moldado como prática que devem obedecer a critérios que foram alcançados por anos de convivência social, envolvendo, assim, o poder e a ética.

Maquiavel foi um dos grandes responsáveis pela noção moderna de poder e ética. A este autor florentino, também, se deve a renovação do sentido e da relação entre ética e política e, por isso, a teoria política de Maquiavel tem suscitado, ao longo do tempo, numa série de discussões e, também, de questionamentos, principalmente, pela interpretação precipitada que inúmeras vezes se fez de seu pensamento. Para alguns intérpretes, com estudos pouco profundos, Maquiavel foi e, ainda, é compreendido como alguém imoral e desprovido de quaisquer valores, por essa razão a perspectiva do termo maquiavélico apresenta-se, às vezes, de forma pejorativa.

Em diálogo crítico com intérpretes anteriores, Maquiavel, ao considerar a tendência do homem à vida em sociedade e vida em grupo, propõe uma visão desta convivência a partir de nossos significados de poder, distanciando-se, assim, da tradição católica, que via na relação do ser humano e da sociedade com Deus, a base da solução para os conflitos que pertencem ao convívio social. Constata também que, o bem viver de forma natural não é condição comum para o homem; eles tendem sempre à divisão e à desunião. Deriva então de uma tensão social, marcada pelo conflito de desejos entre dois grupos sociais distintos, o povo, que deseja não ser oprimido pelas elites e as elites que, inversamente, desejam oprimir e dominar o povo. Necessita-se, portanto, de um governante de autoridade reconhecida, para manter sob controle as tensões sociais.

Tal fato é bem semelhante com o que acontece em nossas escolas nos dias atuais, um conflito de interesse entre classes bem distintas. A educação necessita de análise dos vários períodos da história da sociedade, mantendo um diálogo. O ambiente escolar é o primeiro espaço que a criança tem contato com o mundo social, o modelo que a escola

desenvolve foi criado ao longo da própria história da humanidade. O poder que se apresenta através do fenômeno do Estado, é alvo de crítica, por defender uma escola que não se modifique as novas necessidades sociais, muito parecidos com o estado observado por Maquiavel.

Percebe-se, assim, que Maquiavel irá rejeitar modelos de poder político existente em seu tempo, valorizando as preocupações com as atitudes humanas e com a condição de organização dos seres humanos em coletividade. Levando em conta tais preocupações de Maquiavel, nesta pesquisa serão apresentados alguns aspectos relevantes da obra de um dos autores mais lidos em todos os tempos, cuja importância para a filosofia e as Ciências Humanas é incontestável, ainda que quase cinco séculos nos separe de sua morte e da publicação de sua obra mais famosa “O Príncipe”, construindo um cotejo com o sentido ético-educacional encontrado no pensamento da educadora paraibana Marinalva Freire da Silva.

Além dos aspectos da vida e da obra, ressaltaremos, também, o contexto histórico, a efervescência social, cultural e política em que viveu Maquiavel, fazendo surgir às circunstâncias essenciais que notabilizaram este autor, tendo o mesmo vasta influência mundo afora. Como forma de refletirmos sobre esses aspectos e o ambiente educacional, fizemos uso da valorosa contribuição da professora, Marinalva Freire da Silva, no âmbito escolar, como educadora e dentro dos parâmetros ético-educacionais necessários para uma educação voltada às diversidades.

Portanto, a pesquisa tem como objetivo geral apresentar a questão da existência da ética e de poder à luz do pensamento de Maquiavel (1469-1527), dentro de uma perspectiva educacional, a partir da visão trilhada pela professora Marinalva Freire da Silva.

Ao inaugurar uma nova compreensão da realidade, Maquiavel separa a moral individual da moral política. Segundo o pensador, ao chefe de Estado cabe agir de acordo com as circunstâncias e não a partir de preceitos éticos individuais. Por esta razão, o que distingue a bondade da maldade na ação política é sempre o bem coletivo e jamais os interesses particulares. O que determina se uma atitude é ética é a sua finalidade política. A obra *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, expressa nitidamente a sua interpretação do poder e o desejo de ver uma Itália poderosa e unificada; demonstra, também, a necessidade de um monarca com autoridade reconhecida pelos diferentes grupos, que fosse um legítimo Príncipe e que defendesse seu povo sem escrúpulos e, principalmente, sem medir esforços.

A grande preocupação se encontra na discussão da ética e do poder na obra, ainda, que o conceito “ético” não apareça de forma explícita em seu texto, que podemos compreender de uma forma simples, mas com dimensões muito significativas. Conceito este

que também está relacionado com o modelo encontrado dentro do panorama escolar, levando-se em conta ao estudo da professora Marinalva Freire da Silva, onde a mesma expõe toda preocupação com a ética no exercício de sua função. Como nítidas legações dos parâmetros educacionais existentes no processo de desenvolvimento da sociedade.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos, os quais estão dispostos em: Primeiro Capítulo – Trás o conceito de ética, fazer o paralelo necessário para construção do tema, já no Segundo Capítulo – apresenta o escritor Maquiavel e sua obra O Príncipe. No entanto, no terceiro Capítulo – Faz uma apresentação da educadora Marinalva Freire da Silva, e seu pensamento sobre a ético-educacional e, por último, as considerações finais e as referências usadas e consultadas.

1- O QUE É ÉTICA?

Ao longo da história da humanidade, no contexto do convívio social, podemos notar que a preocupação com a ética vem crescendo, e muitos pensadores se propuseram a refletir sobre os fundamentos éticos da nossa organização social. A filosofia é a referência nesse estudo, que deu um norte muito importante para alcançar uma interpretação sobre a ética e a convivência humana.

Para nosso trabalho monográfico é de grande importância desenvolver, mesmo de forma inicial, um conceito sobre o ser ético, para melhor compreensão do tema levantado em nosso trabalho. Sabemos que não é fácil desenvolver tal conceito, pois a ética é formada por escolhas, que serão julgadas pelo senso moral e consciência moral e essas escolhas passam por uma série de etapas, que vão variar conforme o desenvolvimento individual, mas começamos o nosso estudo com uma concepção sobre ética desenvolvida pela professora Marinalva Freire da Silva (2014:69)

[...] todo ato moral inclui a necessidade de escolha, baseada na preferência. Escolher supõe preferir o mais valioso ao menos valioso. Assim, escolha (fato humano) implica comportamento moral e, por conseguinte, Valor. O ato de avaliar ou julgar implica termos axiológicos fundados nos atos de criação do homem ou não tem valor para nós por ser o homem instância doadora de valores. (SILVA, 2014:69)

Podemos compreender que existe um valor em nossas escolhas, pelas quais podemos fazer, que esteja ligado ao comportamento moral que temos. O pensamento sobre ética nos remete ao início da filosofia, ao período da Grécia clássica. “*Conhece-se a ti mesmo*”, famosa frase do filósofo Ateniense Sócrates que faz referência à necessidade de conhecer o próprio ser, para alcançar a participação na sociedade e, assim, compreender sua própria função dentro no organismo social.

Esse grande pensador, que viveu há mais de 2500 anos atrás, nos apresentou a possibilidade de pensar como as relações entre os seres humanos podem necessitar de reflexão sobre a ética. Sabemos que pensar em ética é muito difícil, que todos já dizem saber o que é ética, mas poucos sabem como explicar à ética, pois como argumenta Valls (2005):

Á ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que são, mas que não são fácil de explicar, quando alguém pergunta. Tradicionalmente ela é entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre o costume ou sobre a ação humana. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes, e pode ser próprio realização de um tipo de comportamento. (VALLS, 2005:7)

Procurando, ainda, uma definição que podemos notar, através do pensamento acima, que o autor condiz com a preocupação inicial do estudo ético. O que é ética? Dentro desta perspectiva encontramos uma primeira definição que é, tradicionalmente, ligado que a ética é o estudo ou reflexão científica ou filosófica e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas.

De início compreendemos que ético é o ponto chave para a liberdade e valor, no ato de escolha. Que podemos chamar de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos ou não. Sendo o estudo das ações, costumes, para a justificação de um tipo de comportamento social ou individual.

As preocupações com a ética se iniciam, logo, quando o homem passa a se preocupar com o desenvolvimento do pensamento e começa a esperar um fim para todas as ações sempre angustiado com o processo pelo qual definir a escolha do certo e do errado, sendo que o objetivo principal será o bem. Conforme afirma Aristóteles (1984), na obra *Ética a Nicomaco*:

Admite-se geralmente que toda arte e toda investigação, assim toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem. Mas observa-se entre os fins uma certa diferença: alguns são atividades, outros são produtos distintos das atividades que os produzem. (ARISTÓTELES, 1984:49)

Liberdade é condição inicial para o desenvolvimento dos valores e das escolhas, o qual o objetivo é um bem. Como expressa Aristóteles (1984), cada ação é resultado de uma escolha, podendo ainda afirmar que a busca do bem é o desejo de toda ação. Existe dessa forma um desejo de tudo que realizamos será para Aristóteles a busca do sumo bem, ou se finaliza no sumo bem. As ações estão ligadas aos costumes que permitem a realização dos atos, ou apenas não autoriza a ação.

Desta forma, a cada período da história da humanidade é construído um conjunto de normas que permitem atuação dos seres humanos como agentes éticos. Mesmo porque os costumes variam e se modificam de acordo com o período que a sociedade está vivenciando. Como argumenta Valls (2005):

Mas há uma outra questão, especificamente ética, que parece ser absolutamente fundamental. Os costumes mudam e o que ontem era considerado errado hoje pode ser aceito. É claro que, de qualquer maneira, a ética tem também uma função descritiva: precisa procurar conhecer, apoiando-se em estudos da antropologia cultural e semelhantes, os costumes das diferentes épocas e dos diferentes lugares. (VALLS, 2005:11)

A ética terá como pano de fundo todas as estruturas da organização social e cultural, que devem ser levadas em conta no momento de estudo da mesma. Existirá uma variação junto aos procedimentos éticos que depende do período que a escolha está sendo realizada dentro de uma determinada sociedade. Não são apenas os costumes que vão variar, mas devemos observar que os valores, normas, ideias que os acompanham vão variar de uma sociedade para outra. Valls (2005) ressalta:

Não seria exagerado dizer que o esforço de teorização no campo ético se debate com o problema da variação dos costumes. E os grandes pensadores éticos sempre buscaram formulações que explicassem, a partir de alguns princípios mais Universais, tanto a igualdade do gênero humano no que há de mais fundamental, quanto às próprias variações.(VALLS, 2005:16)

Notamos neste pensamento que o esforço para compreender e conceituar a ética se debate com o problema da variação dos costumes. Percebemos que os pensadores que definem a ética buscam formular suas ideias dentro de um panorama de princípios universais. Assim, uma boa teoria sobre a ética deve atender a essas pretensões de universalidade, procurando, ainda, explicar as variações de comportamento e costumes das diferentes formações das sociedades e suas culturais, de acordo com pensamento crítico de Valls (2005)

Podemos, assim, observar que surgiu um novo problema, como definir o valor? Este mesmo que irá possibilitar que o sujeito ético de um determinado período defina como a melhor forma de agir junto a uma situação problema. Se partirmos da permissão que existe uma variação de costume e ética para cada dado momento da sociedade, para o significado de valor vai variar também, mas valor implica em utilidade que à luz do pensamento de Silva: (2014) podem ser:

Valor implica utilidade – beleza; bondade – justiça etc. Também os opostos: O valor das coisas existe de dois modos: de sua existência (material); de sua relação com o homem (afetivo), logo, o objeto valioso não pode existir sem certa relação com o sujeito, nem independente das propriedades materiais, sensíveis e físicas que sustentam o seu valor para pensar. (SILVA, 2014:69)

Desta forma, valor está ligado com determinados conceitos classificados dentro da sociedade e com sua utilidade. Esse valor será definido através de dois modos: o material e o afetivo. Existe uma relação como o sujeito que possibilita a denominação quantitativa do valor para aquela sociedade, assim chegamos ao ponto de como julgar se uma coisa tem ou não valor, o qual Aristóteles (1984:50) nos coloca da seguinte forma: “*Ora cada qual julga bem as coisas, que conhece, e dessas coisas é ele bom juiz. Assim, o homem que foi instruído*

a respeito de um assunto é bom juiz nesse assunto, e o homem que recebeu instrução sobre todas as coisas é bom juiz em geral”.

Aristóteles nos apresenta que o julgamento deverá ser feito por quem mais interessa esse processo, o homem, que receberá todos indicativos para realizar tal tarefa. Podemos, ainda, apresentar que a sociedade está repleta de valores e que o julgamento varia conforme a formação do indivíduo.

Para alcançar o pleno exercício prático da ética, devemos levar em conta vários fatores; como os que colocamos até aqui. Os acontecimentos que envolvam a denominação de época, de valor, do julgamento, costumes, movimentação social, e formação dos indivíduos que estejam dentro da perspectiva de análise da ética e, ainda, se preocupa com os valores que são aplicados nos julgamentos das ações, e como os valores são colocados dentro desta perspectiva. Quem julga as ações, deverá está atento para o interesse que esse julgamento representa para si mesmo.

2 - ÉTICA E PODER EM MAQUIAVEL (1469 - 1527)

Além dos aspectos da vida e da obra, vale ressaltar também o contexto histórico, a efervescência social, cultural e política em que viveu Maquiavel, as circunstâncias essenciais que notabilizaram este autor. Estas preocupações nos levam a desenvolver alguns aspectos da vida e da obra.

É importante lembrarmos, que os parágrafos seguintes servem como uma introdução ao pensamento do mestre florentino. Como, também, podemos destacar os seus aspectos mais relevantes, sobretudo aqueles relacionados ao termo “maquiavélico”, o qual se tornou sinônimo de malvadeza, premeditação. Isto se deve, sem dúvida, às interpretações equivocadas da obra deste filósofo, ofuscando muitas vezes sua importância incontestável nas diversas áreas do conhecimento, pois Nivaldo (2002) nos discorre:

O Príncipe é um guia para a ação e suas palavras visam a orientar o acesso e a permanência no poder, dentro de uma perspectiva de política e Estado peculiares ao tempo em que Maquiavel viveu. O fascínio de Maquiavel é o fascínio das coisas práticas voltadas para objetivos elevados; é a atração do marketing do poder (NIVALDO, 2002:23).

Maquiavel, mesmo com toda à diversidade de interpretações sobre a sua teoria, o seu pensamento segue mais vivo do que nunca. Sendo um pensador importante para compreender como os costumes e a ética variam de período a período.

2.1 Vida e Obra de Maquiavel (1469 - 1527)

Nicolau Maquiavel nasceu em Florença, na Itália, em 3 de maio de 1469 e morreu em 1527, aos 58 anos, na mesma cidade. Foi um dos mais originais pensadores do renascimento, uma figura brilhante, embora em vida pouco tenha desfrutado deste reconhecimento.

Maquiavel foi filho de Bartolomea e Bernardo Maquiavel. O pai era advogado, e gostava dos estudos humanistas. Dono de pequenas propriedades rurais e de uma casa em Florença tinha alguns negócios, como, por exemplo, a venda de vinho, mel e óleo. É no mercado público que Bernardo comprava, alugava e emprestava livros e até negociava, com livreiros, obras raras. Neste ambiente é que cresceu Maquiavel. Sua formação é destacada por Nedel (1996:9) “*Quando tinha cerca de sete anos de idade, Nicolau já estudava latim (primeiro estágio), com professor particular, o mestre Matteo. Aos doze anos passou para o segundo estágio, com renomado professor Paulo Ronciglione*”.

Fica claro que Maquiavel teve acesso ao conhecimento e a obras literárias, logo em sua infância existia a preocupação de seu pai em possibilitar o estudo necessário para formação do pequeno Maquiavel. O contato do seu pai com humanistas respeitáveis rendeu bons frutos para a vida profissional de Maquiavel. Nesta mesma linha de argumento crítico Nedel (1996:09) nos informa que “Pelo visto, a família de Nicolau Maquiavel não era abastada nem pertencia à alta aristocracia; porém mantinha bom relacionamento com alguns humanistas mais considerados da cidade”.

A família do jovem Niccola serviu como ponte para entrada dele no mundo do conhecimento. Maquiavel tem muito a agradecer ao seu pai, pois ele trouxe possibilidade de uma vida profissional ativa, Grazia (1993) resalta os bons conhecimentos da família de Maquiavel que:

Um livro de registros, na verdade um livro de contas do pai de Niccolò, cobrindo dos seis aos dezoito anos do rapaz, revela que ele foi enviado a seu primeiro professor aos sete anos, aos onze começou a receber lições de um mestre de ábaco que vai ensiná-lo o ábaco e aos doze ele estava se enfronhando na literatura latina. [...]O professor de latim era padre e membro da guilda dos advogados, com ligações na Chancelaria e nos círculos literários, e é com ele que se inicia a educação mais especializada de Niccolò. (GRAZIA, 1993:13)

À vida de Maquiavel tem como pano de fundo o período de maior esplendor cultural de Florença e, também, está relacionada ao seu rápido declínio e grande vulnerabilidade sofrendo, assim, com as lutas em torno de sua conquista. Este período é marcado por grande instabilidade política, por guerras, intrigas, pelo desenvolvimento cultural dos pequenos estados italianos, pela presença da igreja e pela disputa desta, juntamente com França, Espanha, grandes potências da época, na luta pela hegemonia européia.

A constante alternância de poder na igreja, com papas se sucedendo entre famílias rivais, bem como suas alianças com, ora aliados, ora inimigos, se reflete diretamente à vida política do pequeno estado florentino, isso tudo foi de grande importância para a formação do cidadão Maquiavel conforme afirma Weffort (2002)

Neste cenário conturbado, no qual a maior parte dos governantes não conseguia se manter no poder por um período superior a dois meses, Maquiavel passou sua infância e adolescência. Sua família não era nem aristocrática, nem rica. Seu pai, advogado, como um típico renascentista, era um estudioso das humanidades, tendo se empenhado em transmitir uma aprimorada educação clássica para seu filho. Dessa forma, com orgulho, noticiava a um amigo que Nicolau, com apenas 12 anos, já reidigia no melhor estilo em latim, dominando a retórica greo-romana. (WEFFORT, 2002:15)

Maquiavel viu florescer durante sua vida a cultura e o poder político de Florença, sob a direção política de Lourenço de Medici, o Magnífico. Ele, também, testemunharia o

crepúsculo do poder da cidade quando o filho de Lourenço, e seu sucessor, Piero de Medici, foi expulso pelo monge dominicano Savonarola, criador da República Florentina, foi este também primeiro contato de Maquiavel com uma República.

Savonarola era defensor da reforma da igreja. Maquiavel acompanhou o declínio do poder do monge, a sua expulsão, sua prisão, a tortura, e, por fim, em praça pública sua morte na fogueira. Maquiavel assistiu de perto o forte poder das mudanças políticas em Florença.

Maquiavel serviu na administração da República de Florença, de 1498 a 1512, na segunda Chancelaria, tendo substituído Adriani, como secretário do Conselho dos Dez da Guerra (*Dieci di Libertà et Pace*), a instituição que na Signoria tratava da guerra e da diplomacia. Maquiavel em sua vida profissional teve a oportunidade de viver várias experiências, as quais influenciaram a formação do escritor florentino; Grazia põe em destaque a vida profissional ativa de Maquiavel. Ressalta Grazia (1983):

No serviço, as instruções de Niccolò podiam vir de vários lados, do chanceler da Primeira Chancelaria, dos Dez, de algum outro comitê ou do chefe do governo, o gonfalonero. De modo geral, a função de crivaninha, tratando de assuntos internos, inclusive territoriais, a de secretário dos Dez é um trabalho de campo, na garupa de um cavalo, como enviando a diversos países. (GRAZIA, 1983:26)

Estas funções profissionais de Maquiavel trouxeram-lhes grandes conhecimentos no campo da diplomacia, na organização e administração de um governo. Por parte dele, o gosto era estar sempre em viagens oficiais, nas quais podia conhecer países, governos e governantes diferentes; com problemas diferentes uns dos outros, e, aliás, com questões reais a ser resolvidas.

Maquiavel tornou-se um conhecedor profundo dos mecanismos políticos e viajou, incessantemente, participando em vinte e três embaixadas nas cortes italianas e européias, conhecendo vários dirigentes políticos, como Luís XII da França, o Papa Júlio II, o Imperador Maximiliano I, e César Bórgia, os quais seriam usados como exemplos em sua obra, como bons ou ruins exemplos.

Niccolau casou-se em 1502 com Marietta Corsini, com quem teve quatro filhos e duas filhas. Em 1504 regressa a França, e no regresso, inspirado nas suas leituras sobre a História Romana, apresenta um plano para a reorganização das forças militares de Florença, que é aceito pelos governantes. Em 1508 é enviado à corte do imperador Maximiliano, estabelecido em Bolzano. Em 1509 dirigiu o pequeno exército miliciano de Florença para ajudar a libertar Pisa, a missão foi coroada com sucesso.

Maquiavel foi secretário da nova república, com uma posição importante e distinta. A república, entretanto, foi esmagada em 1512 pelos espanhóis que instalaram de novo os Medici como governantes de Florença, afastando Maquiavel da vida profissional; com isso, iniciou-se a luta do escritor florentino para voltar ao círculo público que tanto gostava.

Em Agosto de 1512, Maquiavel assistiu a invasão espanhola ao território da república florentina, onde a população ajudou a tirar do poder Savonarola, e ao mesmo tempo acolheu os Médici como novos governantes. Quando os Medici retomaram ao governo, Niccolau trabalhou de forma incansável para obter o reconhecimento da família, e desta forma, pôde se dedicar àquilo que acreditava ser sua verdadeira vocação, sua devoção aos assuntos do Estado.

A partir deste momento, parece que Maquiavel acredita que sua vocação deve está acima de quaisquer interesses, seja quais forem os detentores do poder. Por ter sido gonfaloneiro, um tipo de secretário da República florentina, que era uma função muito prestigiada nas comunas da Itália naquela época, é visto com desconfiança pelo governo dos Medici, até ser demitido em sete de Novembro de 1512, preso e torturado em 1513, sendo depois exilado em sua propriedade, nos redores de Florença.

Com exceção de algumas nomeações para postos temporários e de pouca importância, entre os quais se conta em 1526 uma comissão do Papa Clemente VII para inspecionar as muralhas de Florença, e do seu amigo Francesco Guicciardini, comissário Papal da Guerra na Lombardia, que o empregou em duas pequenas missões diplomáticas, passou a dedicar-se à escrita, vivendo em San Casciano, a alguns quilômetros de Florença.

Em maio de 1527, tendo os Médici sido expulsos de Florença, novamente tentou Maquiavel reocupar o seu lugar na Chancelaria, mas o posto foi-lhe recusado devido à reputação que a obra *O Príncipe* (1513) já lhe tinha dado. Pouco tempo depois morreu.

Duas das obras de Maquiavel foram publicadas em vida, *La Mandragola* (*A Mandrágora*), de 1515, publicada em 1524, um grande sucesso na época (ainda hoje considerada uma das mais brilhantes comédias italianas), e o tratado *Arte della guerra* (*A Arte da Guerra*), de 1519-1520, que tem como cenário as reuniões intelectuais dos *Ortii Oricellari* (*Jardins de Rucellai*), local onde se reunia a Academia Florentina.

2.2 - Contexto Sócio Cultural

Maquiavel vivia em uma Itália, na qual reinava grande confusão. A ilegitimidade do poder gerava situações de crise e instabilidade permanente. Somente o cálculo político, a astúcia, e a ação rápida e fulminante contra os adversários eram capazes de manter o príncipe no poder.

Maquiavel, na obra *O Príncipe*, apresenta um novo paradigma quanto à questão da separação entre política e ética. De acordo com a tradição ocidental utilizada até então, seria improvável esta separação. Ele propõe um modo diferente de enxergar a política, dando maior relevância ao poder constituído e reconhecido e à ética visando à ordem e o bem público, superando, assim, interpretações sobre o poder no seu tempo.

Criando assim um novo modo de ver a relação privado e público, como também criou um novo sinônimo para algumas palavras, como demonstra nessa passagem: *“Na linguagem comum costumamos chamar de maquiavélicas as pessoas cínicas, ardilosas, traiçoeiras, que, para atingir fins inconfessáveis, usam de mentira e má-fé”*. (ARANHA, 2006: 9) Assim, fica claro, como é usada de forma negativa a palavra maquiavélica.

A moral privada até então era usada como parâmetro da ação humana e das decisões de caráter político. Maquiavel quebra com esta tradição, formulando novas questões morais, e coloca em dúvida a posição da igreja dentro da vida política. O mesmo deixa de lado alguns costumes de sua época, como ir à missa. De acordo com Grazia (1993), o autor florentino tinha alguns costumes diferentes.

Niccolò não tem o hábito de ir para à missa, negligência masculina não propriamente excepcional. Vettori, numa carta em que descreve o cotidiano em Roma, diz ser religioso, e repreende o amigo: ‘Nos dias de festa assisto à missa, e não faço como vós, que às vezes deixais passar’. Pouco mais sabemos da frequência praticante de Niccolò. Uma carta que um parente lhe enviou a Roma diz: ‘Tiveste um bom e belo menino [Bernardo], que hoje foi batizado com as honras que demanda vossa posição. (GRAZIA, 1993:6)

Grazia (1993) mostra que Maquiavel deixa de lado a religião, ou melhor, mostra como o escritor florentino está envolvido com uma série de temas típicos do Renascimento e do paulatino surgimento da modernidade. Uma das inúmeras tendências do Renascimento foi à secularização da consciência, ou seja, o processo pelo qual a maior parte das explicações teóricas desvincula-se das teses religiosas.

O homem renascentista confia na razão e na capacidade humana de agir com autonomia, por isso, busca explicações racionais baseadas nas experiências e observações, e não no testemunho da fé. Portanto, natural o afastamento de Niccolau das práticas religiosas.

Maquiavel tornou a política autônoma, pois privilegiava a reflexão laica, não religiosa e, também, porque se recusava a abordar a questão do poder a partir da ética cristã. A política neste contexto é autônoma, já que busca linguagem e métodos próprios, desvinculados da fé e da moral convencional.

O novo método de investigação da política moderna distancia Maquiavel não só do pensamento medieval, mas também da política normativa dos gregos, não discutindo como deve ser o governo ideal, nem quais são as virtudes ideais do bom governante e do cidadão. Não lhe interessa a política baseada em princípios universais, cuja ação pauta-se a partir de modelos abstratos. Interessa isso sim, observar como os governantes e súditos agem de fato e trazer para as vias do plano real.

E, embora eu considere essa obra pouco digna se ser levada a sua presença, tenho a confiança em que, todavia, ela possa ser, por sua benevolência, aceita, uma vez que eu não tive outra disposição que a de oferecer-lhes a possibilidade de compreender, em curtíssimo espaço de tempo, tudo quanto conheci e entendi no curso desses anos de uma vida cheia de perigos e privações. (MAQUIAVEL, 1996:10)

Ao iniciar a obra *O Príncipe*, Maquiavel deixa claro o terreno em que trata a questão, evidenciando que não pretende fornecer as razões abstratas e teóricas da fundamentação do Estado, do governo e da ação política, mas propor indicações que sirvam para a prática do Príncipe. Maquiavel expõe em sua obra o conjunto de tudo que viveu e aprendeu.

Nessa perspectiva, fica evidente que o espaço escolar é forte laboratório no caminho de formação de uma sociedade autônoma e eficiente em seu objetivo, o bem coletivo. O ato de ensinar exige éticos, e o Projeto Político Pedagógico e o momento que a escola se volta para as dificuldades que existe dentro o ambiente educacional. Maquiavel expressava que as ações do governo fossem pautadas no que já se viveu e aprendeu. Exatamente o ponto chave para a compreensão do poder da escola sobre a sociedade. Vejamos o que argui Paulo Freire (2006:32) sobre a necessidade da ética no ato de ensinar:

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. (FREIRE, 2006:32)

Conforme esta linha de pensamento de Paulo Freire (2006) vai ao encontro da tese levantada por Maquiavel, que o belo e bonito não é o bastante para se alcançar a perfeição das ações e que ainda dentro desta perspectiva podemos reconhecer que os períodos dos nossos pensadores são diferentes, mas a preocupação com a autonomia de seus agentes é igual. A escola é o espaço que mais necessita da ética para nortear seus rumos no projeto de ensinar futuros cidadãos.

A ação política deve ser eficiente para Maquiavel, ou seja, deve alcançar fins, ela se resume em como os principados devem ser conquistados, governados e mantidos. A intenção de Maquiavel, portanto, não é a de apresentar uma teoria de um estado ideal e nele teorizar as funções do governante perfeito. A busca de Maquiavel tenta descrever a política tal qual ela resulta dentro de uma realidade próxima do mundo em que se vive. Tal preocupação está presente em seu pensamento, na realidade expressa; assim como argumenta Nedel (1996):

O que interessa a Maquiavel na religião, é sua utilidade ou sua eficácia social, para o que indiferente que seja verdadeira ou falsa, que o príncipe seja adepto dela ou não; basta-lhe, pois, simular religiosidade se a não tem. [...] Maquiavel foi um 'físico', não só da política, mas também da religião. [...] Contudo, por não a conceber como si suficiência, entendeu que devia ser acompanhada, na cidade, por grande capacidade de ação de seus cidadãos, manifestando eles, assim, sua fortaleza de vontade e autonomia, no exercício da virtú. (NEDEL, 1996:49)

Maquiavel não tinha interesse em analisar a religião, mas tinha interesse em analisar o real. Deliberadamente distancia-se dos tratados sistemáticos da escolástica medieval; assemelha-se aos renascentistas, quando se preocupa em fundar uma nova ciência física que rompe com o pensamento anterior, através da defesa do método da investigação empírica. Nos escritos dele se encontra a importância da religião dentro de um governo, certamente, no sentido exatamente de doutrinar e não propriamente de libertar o indivíduo.

Maquiavel acreditou que o cristianismo era boa religião, para escravos, e bem entendidos. Para o escritor florentino a religião ajudava a manter a ordem facilitando o governo do príncipe, mas ele dispensa a participação da religião dentro dos governos, pois defende a ideia de que o príncipe cuide da religião, e não a religião cuide do príncipe. A participação da religião se resume aos assuntos da fé, e não aos assuntos administrativos. Como afirma Nedel (1996):

Em suma, diz Maquiavel, nenhum príncipe ou Estado pode subsistir sem cuidar da religião, indispensável, por seu papel simbólico, à conservação da virtú, na vida social e político[...] Segundo Maquiavel, a nossa religião, comparada com a religião pagã, faz estimar menos as honras mundanas, enquanto os antigos,

estimando-as muito e tendo-as na conta sumo bem, eram mais arrojados em seus atos. (NEDEL,1996:48)

Para Maquiavel, um dos aspectos fundamentais da política não tem nada a ver com religião ou moral, a menos que estes aspectos sejam essenciais à manutenção do poder. O poder, este sim, uma vez alcançado, deve ser assegurado sob quaisquer circunstâncias. Esta era a essência verdadeira da política para Maquiavel, ou seja, a conquista e a manutenção do poder eram os verdadeiros objetivos, e é neste ponto que reside a virtù do príncipe, sendo necessário saber o que fazer e o que dizer em cada circunstância.

Apesar da clareza do estilo com que Maquiavel escreve, existe grande variedade de interpretações acerca de seus escritos, possibilitando inúmeras interpretações e, certamente, ofuscando muitas vezes seus reais significados que podemos nos voltar para o espaço escolar, que é o lugar inicial no processo de desenvolvimento social. Na necessidade do educador com ser autônomo e ético, assim, colocar Paulo Freire (2006):

[...] Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. [...] o inacabamento de que nos tornamos consciente nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceber uns aos outros. (FREIRE, 2006:59)

Em conformidade com pensamento de Paulo Freire, podemos ver a semelhança com as ideias de Maquiavel. A existência da necessidade do professor perante a sua autonomia e prática ético é semelhante do príncipe frente do estado. A escola é o ambiente que precisa desta autonomia e da ética com objetivo para alcançar a real missão, educar a nossa sociedade.

Maquiavel acredita que não existirá uma sociedade perfeita, mas o príncipe virtuoso poderá diminuir o sofrimento do povo, sabendo dos fatos e acontecimentos reais ao seu redor, evitando, assim, qualquer fuga ou escapismo da realidade em que se vive. Desta forma, deixa de lado a ideia de uma sociedade ideal.

A toda evidência, Maquiavel, ao afastar a idéia de uma sociedade perfeita, isenta de mal, de fissuras, disputas e conflitos, rejeita a noção de utopia. Em verdade, interessa-lhe mostrar como os homens realmente vivem não como poderiam idealmente viver. Enxerga na intranquilidade, no exercício contínua da virtù, o preço da liberdade. (NEDEL, 1996: 52)

Seguindo esta linha de pensamento Nedel (1996), ainda, deixa mais claro que não existe utopia para Maquiavel, mas sim homens reais, com uma sociedade real, e não ideal. A

virtù em Maquiavel tem a conotação de virilidade, no sentido de que os indivíduos com tal qualidade são definidos fundamentalmente pela capacidade de impor sua vontade em situações de grande dificuldade, por meio de uma combinação de caráter, força e cálculo.

Mesmo rejeitando o idealismo da tradição, o escritor florentino, de certa forma, desenha um príncipe ideal. Para o pensador florentino, o príncipe perfeito, ou o príncipe ideal, não visa cortejar ou implorar à fortuna, mas ao encará-la, agarra-a de forma viril, de modo a impor seus desígnios, agindo para conquistar e manter seu poder frente às dificuldades dentro de um governo, como afirma Nedel (1996):

Esta postura, todavia, não é congruente com a moral que propõe para o príncipe, o governante, ou seja, para a vida pública. A virtù do príncipe não é a virtude moral da tradição, mas a força e a coragem do agente político de usar todos os meios necessários para eficácia da ação, inclusive os maus. É o saber entrar no mal, se necessário, pois o que conta por fim são os resultados. (NEDEL, 1996: 58)

Para Maquiavel esta era a preocupação central com a virtù, impor o que fosse necessário para diminuir a força do destino e seus efeitos frente ao homem. Esta ideia representa de certo modo a ideia renascentista, sob a ótica dos olhares políticos, que propõe ao humano ser dono de sua vontade, o homem seria capaz, portanto, de ordenar o caos da política da época.

Maquiavel explica que o poder se funda, exclusivamente, em atos de força, é previsível e natural que pela força seja deslocado o poder deste príncipe para um novo príncipe. Nem a religião, nem a tradição, nem a vontade popular legitimaram o poder para sempre, ou por um período confortável. Segundo o autor florentino, o príncipe tem de contar, exclusivamente, com sua energia criadora, com sua capacidade de usar a virtù para manter o estado.

A base dos ensinamentos de Maquiavel está calcada nos acontecimentos passados, visando um objetivo comum, que é a unificação da Itália que se encontrava desorganizada e vulnerável a toda sorte de conluios e conspirações. Desde que o príncipe saiba usar os conselhos de Maquiavel, poderá existir uma Itália forte e unida.

Esta unificação para Maquiavel só será possível graças à ação de um príncipe que possua as qualidades preconizadas em sua obra mais famosa O Príncipe, nas quais se encontra ações observadas na história romana, à qual Maquiavel constantemente se reporta, constata-se assim que a lição da história está sempre presente no pensamento de Maquiavel ele utiliza-a para desenvolver sua ideia de como conquistar e manter o poder.

A história sob a ótica maquiaveliana se repete, tornando-se a mestra da vida. O palco onde se dá a representação humana, suas ações, segue um roteiro comum ao longo do tempo que mudam os personagens e os cenários, mas seguem-se os mesmos roteiros.

Maquiavel, neste sentido, prevalece o comportamento humano, que de acordo com os mesmos instintos e ideais, vulneráveis às fraquezas e infortúnios, é susceptível às mesmas desgraças; ele toma, em determinadas circunstâncias, as mesmas atitudes.

Entender o Estado sob esta perspectiva significa para Maquiavel entender o homem; antes de tudo, levando-se a percepção de que o Estado é aquele possível, não o idealizado, ou seja, subentendem-se que, deve-se agir de acordo com as circunstâncias reais, não as imaginárias, não as ideais.

2.3 A Obra: “O Príncipe”

A obra *O Príncipe* é um marco no estudo da política e ética, já que explica claramente como se deve desenvolver a política. Logo, inaugura um novo método de se aplicar a política, baseado nas ações de um novo modelo ético, possibilitando uma eficiência nos objetivos desejado e logo alcançados.

O texto causou uma grande revolução para a época, já que abolia os fundamentos básicos da política, e se pusera a ser um manual para o príncipe se manter no poder. Maquiavel achava que a política é feita por homens e para os homens; portanto Deus, nos moldes da tradição católica medieval, já não é fundamento do poder reconhecido.

Maquiavel desenvolveu seu pensamento observando a história. Nas primeiras linhas da sua obra, mostra-nos que é um presente para seu príncipe: o conhecimento. A teoria criada por Maquiavel, ao mesmo tempo ética, histórica e política, situa-se no pórtico da modernidade; propõe uma moral desvinculada de princípios religiosos e reflete sobre o Estado como uma entidade necessariamente dotada de autonomia.

Esta teoria de Maquiavel, em termos éticos, transformou-se no adjetivo “maquiavélico”, sinônimo de perverso, calculista, amoral. Como coloca o dicionário Aulete (2012): “diz-se indivíduo ardiloso, pérfido, possuidor de mente treinada em arquitetar friamente atos de má-fé”. Refletir sobre a perversidade de Maquiavel é, porém, um exercício pueril, pois confunde o médico com o tratamento.

Maquiavel constata a existência do mal no mundo, principalmente a condição do homem em ser mal, a inclinação do homem em ser mal; reconhece o egoísmo como elemento constituinte da condição humana, e postula uma prática política que permita ao governante

lidar com o egoísmo de seus súditos da melhor maneira possível, para conservação dos interesses do Estado. O autor florentino não deseja transformar os homens em seres melhores, mas deseja que o estado seja governado melhor.

2.4 Ética em Maquiavel

A ética em Maquiavel se contrapõe a ética cristã da Idade Média. Para a ética cristã, as atitudes dos governantes e os Estados estavam subordinados a uma lei superior e a vida humana destinava-se à salvação da alma. Com Maquiavel a finalidade das ações dos governantes passa a ser a manutenção da pátria e o bem geral da comunidade, não o próprio, de forma que uma atitude não pode ser chamada de boa ou má a não ser sob uma perspectiva histórica.

A teoria de Maquiavel torna-se interessante por não ter vínculos éticos, morais e religiosos, ele mesmo apóia hora o bem, hora o mal e diz que a conduta do príncipe deve ser de acordo com a situação. Com ele se inicia uma nova concepção de estado, como mostrar Gruppi (1996)

Como sempre acontece, só quando se formam os Estados no sentido moderno da palavra é que nasce também uma reflexão sobre o Estado. Desde o começo de 1500 temos Nicolau Maquiavel, que é o primeiro a refletir sobre o Estado. No *Príncipe* de Maquiavel encontramos esta afirmação: "Todos os Estados, todas as dominações que tiveram e têm o império sobre os homens foram e são repúblicas ou principados". Também aqui o Estado consiste na dominação (poder) e o que está sendo frisado é a dominação sobre os homens. O que interessa é esse grifo do elemento da dominação, e de uma dominação exercida mais sobre os homens do que sobre o território. (GRUPPI, 1996:8)

Os primeiros capítulos da obra maquiavélica em questão tratam das origens dos principados, suas formas diversas, bem como foram adquiridas e como podem ser mantidas. O autor florentino discorre sobre as diversas formas de governo, destacando os principados. Nos Capítulos 12 a 14, Maquiavel se preocupa com a questão militar dos principados, valorizando e problematizando a necessidade de defender os governos, e até como desenvolver esta busca de conquistar e manter pela força os principados.

Dos capítulos 15 a 19 da obra, de Maquiavel, volta à atenção sobre as qualidades dos príncipes, onde se encontra, de fato, a preocupação com a ética, questão principal da pesquisa em desenvolvimento. Nos capítulos 20 a 24, Maquiavel tem a sua preocupação mais voltada para organização dos principados, e da questão histórica da Itália. Nos capítulos 15 a 19, Maquiavel discorre sobre a conduta dos príncipes. Em todas as descrições feitas nestes

capítulos, Maquiavel expõe a ideia que o Príncipe deve evitar comportamentos do que se leve ao ódio do povo, sendo que o príncipe possa ser desprezado ou vituperado, como podemos ler em Maquiavel (2010:107):

[...] que o príncipe, como em parte já disse, cuide de escapar a tudo aquilo que o torne odiado ou desprezado, pois, sempre que ele o tiver evitado, terá cumprido sua parte e não será ameaçado por outras infâmias. O que o torna mais odioso, como eu disse, é ser rapace e usurpador dos bens e das mulheres de seus súditos, devendo abster-se deles. (MAQUIAVEL, 2010:107)

Maquiavel ressalta, também, que o príncipe deve ser em tudo bem aceito por todos e reconhecidos até mesmo por seus adversários. Nesses capítulos o pensador expõe assuntos diversos, mas sempre em consonância com o objetivo primordial, isto é, aconselhar os príncipes sobre o melhor modo de exercer as suas funções, da melhor maneira possível, ou seja, a de bem governar.

Nos CAPÍTULOS 15 a 19 Maquiavel desenvolve considerações sobre como seria um príncipe eficaz na manutenção do poder em relação à convivência com seu povo. No capítulo 15 da obra *O Príncipe*, que recebe o título “*Das coisas pelas quais os homens, sobretudo os príncipes, são louvados ou vituperados*”, Maquiavel chama atenção entre outras coisas para o realismo de sua reflexão; tem como intuito escrever coisas úteis, conformando-se à verdade efetiva da coisa, evitando uma visão imaginária e irreal ele afirma, também, que o príncipe deverá aprender coisas necessárias para alcançar o objetivo desejado, como por exemplo, o príncipe não ser bom quando necessário, ou melhor, usar das qualidades desprezíveis ao homem, quando isso for necessário ou preciso para manter o poder.

Resta agora examinar quais devem ser os procedimentos e as ações de governo de um príncipe em relação aos seus súditos e aos seus amigos. Como sei que muitos já escreveram sobre o assunto, receio ser tomado por presunçoso ao tratar mais uma vez o tema, sobretudo por apartar-me dos argumentos da maioria. Porém, sendo minha intenção escrever coisas que sejam úteis a quem se interesse, pareceu-me mais conveniente ir direto à verdade efetiva da coisa que à imaginação em torno dela. (MAQUIAVEL, 2010: 97).

Maquiavel (2010) vai examinar como deve o príncipe se comportar a frente dos seus defeitos e vícios, para melhor usar tais qualidades ou defeitos em seu próprio benefício. O mesmo ainda se preocupa em dar um conselho ao príncipe, o qual se ampara numa observação de ordem empírica, segundo a qual se o príncipe está entre tantos homens maus, e se o príncipe procura nortear a sua ação pelo modo como se deve viver, ou deixar-se guiar apenas pelo bem, caminhará para ruína.

Para tanto, deve saber usar não só o bem, mas o mau também, pois apenas boas ações não mantêm no poder. Como isso, o governante deve saber usar o mau existente entre seus súditos, para assim conseguir manter-se no poder.

No mesmo capítulo em análise o autor florentino expressa que o príncipe não percebe que os homens em geral vivem de certo modo, a mercê de sua ação, interagindo com as ações dos súditos para melhor governar. Para Maquiavel, o príncipe deve notar que suas ações geram reações, às vezes diversas. Sem esta observação o príncipe terá chances quase nulas de êxito em seu objetivo. Como se percebe, Maquiavel entra já na arena argumentativa da questão das relações entre ética e política.

Maquiavel desenvolve parâmetros de ações para cada situação, esses poderão não ser bem éticos, mas no conjunto servirá para manter o estado, o qual poderá naquele momento o que não era ético, ou o que era errado naquela ação, passar a ser correto quando visto o objetivo final de manter o estado unido em torno de seu príncipe. Neste sentido, poderíamos considerar Maquiavel como sujeito sem ética, mas a ética para o autor florentino está em conservar o poder; algumas ações podem não ser boas, mas tem um fim: a conservação do poder político reconhecido.

No capítulo 16, que recebe o título, “A Liberalidade e da Parcimônia”, Maquiavel aplica a tese do capítulo anterior. Entre a qualidade moral da liberalidade e o vício da parcimônia (avareza), a escolha deverá ser feita não dentro de um horizonte moral, pois se fosse assim a liberalidade deveria ser forçosamente escolhida, mas a partir da conveniência, das necessidades do príncipe de alcançar o poder e conservá-lo.

[...] A generosidade usada de modo a criar fama é nociva. Porém, se usada com virtude e como se deve, passa despercebida e não trará infâmia, quando o príncipe não a praticar. [...] Como, com essa generosidade, ofendeu muitos e premiou poucos, começarão sentir as primeiras dificuldades e seu poder periclitará ao primeiro perigo. (MAQUIAVEL, 1996:79)

Maquiavel expressa, neste capítulo, que é necessário ao príncipe o equilíbrio das ações para conservar o poder, assim, propõe que para o desejo da conquista convém o príncipe ser liberal, porém avaro quando já tenha alcançado o poder. Quando busca a conquista do estado o príncipe deve fazer tudo o que o povo gosta; mas, segundo Maquiavel, quando já se tiver o poder deve o príncipe fazer o que for necessário para conservar o estado, mesmo que o povo não goste, ou e privado das coisas que goste.

Importa destacar nos escritos de Maquiavel a relativização do valor das ações, tendo em vista uma escala política de mensuração, ou melhor, que deverá ter valores diferentes

quando o objetivo for diferente. Na busca do poder, para Maquiavel, tudo se deve voltar nesse intuito, enquanto em relação à conservação do poder, deve-se ter o maior cuidado possível, até mudar as relações de valores das ações.

A grande preocupação para Maquiavel neste ponto é como se dará a questão em definir a escala e a distância com que o príncipe poderá usar valores diferentes das ações em benefício da conservação do poder. Maquiavel reivindica isto em relação à qualidade presumivelmente intrínseca que devem ter as ações que caíam sob uma avaliação moral, já que todas as ações do príncipe estão sendo avaliadas pelos seus súditos. Então, para o autor florentino o príncipe deve saber até que ponto poderá chegar para conseguir seu objetivo, sabendo como medir o grau do perigo em cada ação.

O capítulo 17, possui o título “*A crueldade e a clemência: se é melhor ser amado do que temido, ou o contrário*”. Nele Maquiavel irá defender a crueldade como uma espécie de mal menor.

Continuando pelas qualidades antes mencionadas, digo que todo príncipe deve desejar ser considerado clemente e não cruel. Porém deve estar atento para não usar mal está piedade. César Bórgia era considerando cruel. Apesar disso, aquela sua crueldade havia restaurando a Romanha, unido-a, pacificado-a, e tornado-a fiel. (MAQUIAVEL, 1996:83)

Para Maquiavel, o entendimento é que a clemência pode favorecer a desordem, colocando em risco a estabilidade do corpo político, o pior dos males. Já a crueldade pode ser um meio de evitar consequências prejudiciais a todo um povo. Neste capítulo ainda, destaca que a execução de alguns indivíduos comprometedores da ordem instituída é um procedimento que convém às vezes adotar para preservação do Estado na mão do príncipe.

César Bórgia é usado como exemplo por Maquiavel para expor sua tese, assim o príncipe ser cruel com os súditos que colocam em perigo o seu poder está dentro do objetivo. Para ele esta atitude não deve ser considerada cruel, já que o intuito é manter o estado. O povo deve saber que o príncipe tem pulso forte. Nasce assim para Maquiavel outra questão:

Nasce daí uma questão: É melhor ser amado do que temido, ou contrário. Responde-se que se quer ser tanto um quanto o outro. Mas como é difícil reuni-los, é muito mais seguro ser temido do que amado, no caso de ser preciso renunciar a um dos dois. (MAQUIAVEL, 1996:84).

Maquiavel argumenta que cabe ao príncipe esforçar-se para ser amado e temido. Caso seja difícil conseguir esses dois propósitos, será mais seguro a segunda opção, ser temido. Ele deixa claro também que o príncipe deverá evitar o ódio, pois o ódio dos súditos pode colocar em perigo o poder.

O povo facilmente se rebelará contra o governo se odeia o príncipe. Para o autor florentino o príncipe deve procurar ser ao mesmo tempo temido e não odiado, bastando, para tanto, não apoderar-se dos bens e das mulheres dos seus súditos, pois os homens se satisfazem em conservar as coisas que são caras para eles, como as mulheres e os seus bens.

No capítulo 18 que recebe o título “*Os Príncipes e a palavra dada*”, Maquiavel parte do pressuposto, que o príncipe deve honrar o cumprimento de suas promessas, mas a experiência mostra que nas maiorias das vezes eles não honraram suas promessas, com astúcias confundiram a opinião pública, e levaram vantagens sobre os que foram sempre leais com suas promessas, mas há algum risco de prejuízo ao governo, o príncipe não deve honrar suas promessas.

[...] Um príncipe prudente não pode, nem deve, manter a palavra dada, quando lhe for prejudicial e as razões que o fizeram dar a palavra não mais existirem. Se todos os homens fossem bons, este preceito não seria bom, mas como são malvados então a manteriam para ti, tu, também, não debes mantê-la para eles. (MAQUIAVEL, 1996:88).

Para Maquiavel um príncipe cauteloso, que num dado momento conceda sua palavra, mas quando chegar o momento de cumprir tal promessa, se prejudicar o estado, poderá deixar de lado a obrigação de cumprir, sem nenhum problema ético. Pois o objetivo deve ser a conservação do poder. Em suma, não precisa cumprir suas promessas se sua intenção é manter o poder. Isso não seria falta de ética e sim, uma virtude de um príncipe cauteloso.

No desenvolvimento do príncipe ideal, Maquiavel observa que o combate pelas leis é um modo próprio dos seres humanos, enquanto que o combate pela força é uma maneira própria dos animais. O Príncipe deverá, todavia, saber recorrer à segunda forma de combate, quando não for suficiente o combate pelas leis “*Deve-se saber, portanto, que há dois modos de combater: Um com as leis e outro com a força. O primeiro próprio do homem, o segundo dos animais. Portanto, é necessário que um príncipe saiba usar bem o animal e o homem*”. (MAQUIAVEL, 1996: 87).

Mas, o que interessa a Maquiavel parece ser a imagem que se extrai dessa observação, ou seja, o reconhecimento da necessidade do príncipe servir-se do animal e do homem, dando ênfase ao modo do animal. Tanto das leis como a força são importante o domínio por parte do príncipe; Maquiavel acentua o aspecto da força.

Tendo o príncipe necessidade de saber usar bem a natureza do animal, deve escolher a raposa e o leão, pois o leão não sabe se defender das armadilhas e a raposa não sabe se defender da força bruta dos lobos. Portanto, é preciso ser raposa, para conhecer as armadilhas, e leão para aterrorizar os lobos. (MAQUIAVEL, 1996:88).

Maquiavel explica a necessidade do príncipe de aprender com os animais, principalmente com dois deles, o leão e a raposa. De acordo com a passagem acima, o príncipe deverá ser raposa para reconhecer as armadilhas e leão para usar suas forças contra os lobos. O príncipe deve desenvolver habilidades necessárias para o uso em momentos adversos. Assim, o autor idealiza um príncipe que tenha a virtù, com habilidades humanas e animais.

Maquiavel acredita na insuficiência da força representada pelo leão; destaca a importância da habilidade da raposa para conservação do poder. Ele ainda lembra os dois modos de condutas humanas: Os modos de condutas legais, e os modos de condutas da força, ou ainda, os modos de agir dos homens e animais, os quais exigem do chefe do principado sabedoria para combiná-las conforme a necessidade na conquista e conservação do poder. Enfim, um príncipe que possa reunir estas habilidades, ou ainda, usar a que a necessidade impõe no momento de maior dificuldade.

Para Maquiavel, os homens são como são; cabe ao príncipe valer-se das qualidades da raposa. Mas, considerando que na sociedade há uma demanda por qualidades tais como: piedade, fidelidade, humanidade, integridade e religiosidade, convém ao príncipe aparentar possuí-las.

A um príncipe, portanto, não é necessário ter, de fato, todas as qualidades acima descritas, mas é bem necessário parecer tê-las. Ou melhor, ousarei dizer que, tendo-se e observando-as sempre, são nocivas; parecendo tê-la, são úteis. [...] Como disse antes, não se desviar do bem, se possível, mas saber sempre como usar o mal, se necessário. (MAQUIAVEL, 1996:89)

Maquiavel explica que ao príncipe é impossível ter todas as qualidades; o importante é parecer ter-las ou possuí-las. Tal procedimento pode não parecer ético, mas é o possível, dentro do reino da necessidade impõe ao príncipe, fundamental é resguardar o poder, e estará salvo de qualquer julgamento ético convencional.

Maquiavel diz que não se deve partir do bem; mas podendo, deve-se apelar pelo mal, caso isso seja necessário para a conservação do estado. O príncipe deve procurar vencer e conservar o Estado; os meios que sejam empregados, ou melhor, que ele utiliza, serão assim julgados sempre honrosos e louvados por todos, desde que o príncipe permaneça no poder.

O capítulo 19 é intitulado. “*Como evitar o desprezo e o ódio*”. Nele são abordadas as reflexões de Maquiavel sobre o comportamento do príncipe para não torná-lo odioso e desprezível. Ele põe em destaque as qualidades do príncipe, para que seus súditos lhe reverenciem. Fazendo uso da experiência histórica, Maquiavel constata que muitos governos chegaram à ruína por razão da impopularidade do príncipe, que “*O príncipe deve buscar,*

como já mencionei, fugir das coisas que tornem odioso e desprezível. Sempre que souber fazê-lo, terá cumprido com seu dever e não correrá perigo por outras infâmias”.
(MAQUIAVEL, 1996:91)

Maquiavel reafirma a necessidade de o príncipe evitar ser odiado sustenta, também, que tampouco pode deixar-se desprezar ou ser desprezado. Diz ainda que o príncipe, frequentemente, se vê obrigado a não ser bom. O príncipe deve saber, porém, o que os súditos pensam sobre seu governante.

Neste capítulo não se acrescenta importantes novidades em comparação aos capítulos anteriores em relação à correta conduta do príncipe. Vale lembrar que para Maquiavel o príncipe não deve ser odiado, ele não deve tirar dos súditos os bens e a honra. O príncipe deve, ainda, evitar o desprezo não poderá em suas ações parecer volúvel, mais sim ser considerado grandioso conhecedor do bem supremo. Para ele, o povo deve reconhecer no príncipe qualidades que ele próprio não possui,

3 - A QUESTÃO ÉTICO-EDUCACIONAL NO CAMANHO TRILHADO POR MARINALVA FREIRE DA SILVA À LUZ DO PENSAMENTO DE NICOLAU MAQUIAVEL

Ao construir o parâmetro ético-educacional, como também, desenvolver o pensamento de Maquiavel no tocante da obra *O Príncipe*, podemos perceber que existe um claro, direcionamento, no alcance à educacional. Uma vez que levando em conta a educação como ponto inicial para o desenvolvimento de uma sociedade, pois a mesma encontra-se numa ideologia e, também, num poder político, influenciada pelos costumes e mudanças que a sociedade tem e repassa seus anseios para o espaço escolar.

Em nosso trabalho faremos um análise da produção ética-educacional da educadora paraibana, Marinalva Freire da Silva, e sua contribuição no âmbito educacional. Tendo em vista, que esta professora dar uma grande contribuição à educação paraibana, ou seja, o investimento de carinho, amor e dedicação na missão de educar o cidadãos é vivenciado dia a dia por ela.

3.1 A Simplicidade da Educadora

A simplicidade de uma educadora, Marinalva Freire da Silva, é muito louvável e desejável, ficando como exemplo o empenho a frente das dificuldades para construir sua missão, de educar pessoas, ou melhor, cidadãos.

Em 13 de setembro de 1948, em João Pessoa, nasceu Marinalva. Sendo que foi uma criança muito humilde, desde sua infância enfrentou muitas dificuldades, como argumenta a pesquisadora Diniz, (2010:17):

Foi uma criança muito pobre, que enfrentou muitas dificuldades tendo em vista que, no primeiro ano de vida, seu pai, que era alagoano, viajou com a família para Maceió a fim de assumir um emprego no Estado. Já prestes a tomar posse, foi acidentado, estava consertando um carro, quando o macaco se desmontou e lhe partiu a coluna, na época, caso único na Medicina, não morreu nem ficou inválido, mas passou seis longos meses desempregado, num hospital público, sem condições de manter a família, na ocasião formada pela esposa e dois filhos, sendo Marinalva a filha caçula, criança desprovida do mínimo necessário a sua subsistência. Recuperando-se do acidente, seus pais regressaram para João Pessoa. A família foi aumentando e as dificuldades a acompanharam. Marinalva tem, atualmente, seis irmãos, pois o mais velho, já não se encontra entre os viventes. (DINIZ, 2010:17)

Podemos perceber que desde os primeiros anos de sua existência a professora, Marinalva Freire da Silva, lutou pela vida, passando por várias dificuldades com a sua família,

vendo o sofrimento do seu pai, e a preocupação com as necessidades básicas para seus sustentos, mas afinal, quem é a professora Marinalva Freire da Silva? Podemos ver em seu currículo Lattes destaca-se a profissional:

Licenciada em Letras Clássica e Vernáculas (1973) e em Pedagogia (1979) - Universidade Federal da Paraíba-1973. Mestre em Letras PUC-Curitiba-PR- 1982~. Doutorado em Filologia Românica (1990/1991) -Universidade Complutense de Madrid {Espanha). Pós-graduação em Pedagogia Religiosa: Teologia. Arquidiocese da Paraíba/ Institutos Paraibanos de Educação/ Universidade Federal da Paraíba-João Pessoa (1997) . Professora de Língua Portuguesa - Universidade Federal da Paraíba-João Pessoa (1974/1994). Professora Colaboradora Honorífica da Faculdade de Filologia Românica da -Universidade Complutense de Madrid (1987/1988-1990/1991). Consultora da Universidade Estadual da Paraíba-Campus III Guarabira-PB (1994-1996). Professora Visitante da Universidade Estadual da Paraíba -Campus I Campina Grande (1997-1999) e Professora Titular (a partir de 1999). Professora Convidada da Faculdade de Formação de Professores de Goiana PE (a partir de julho/2011). Delegada de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. Tradutora de Espanhol. Membro da Associação de Professores de Espanhol da Paraíba (Presidente de 1992/2002) e de São Paulo; International Writers and Artists -IWA,/OHIO,USA; da Academia de Estudos Literários e Lingüísticos de Anápolis/GO; da União Brasileira de Escritores da Paraíba-UBE/PB ;da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba-AFLAP/PB; da Academia de Letras e Artes do Nordeste- ALANE-PB e Academia de Letras e Artes de Paranaíba-Rio de Janeiro; Sócia Benemérita do Parque Cultural O Rei do Baião - São João do Rio do Peixe-PB. Obras publicadas: Ditames do Coração (1989); Perspectiva Poética (1992); Plural dos nomes em -ão na língua portuguesa: uma abordagem filológica (1993); Daura Santiago Rangel: Perfil de uma Educadora(1993); Español Instrumental (1ª a 9ª ed. ,1996-2006; Reflexiones(1997); Homenagens em Poesia (1998); Recordar conforta a alma (1998; 2006); Augusto dos Anjos: Vida e poesia (1998; obra traduzida, 2001); Edición Crítica del Regimiento Proueytoso contra ha Pestenença (Publicación en CD,1991, impresso, 2008); Daura Santiago Rangel: Perfil de una Educadora (Traduzida, 2000);YO (Eu de Augusto dos Anjos (Tradução em parceria, 2000; 2010-2012); Español a través de textos I (2002) , II (2005) ; Coletânea Poética (2002); Dicionário Erótico Brasileiro (2004); Daura Santiago Rangel: Reconstrução de uma época (2006); Estudos Filológicos. Literatura. Cultura (2007); Español a través de ejercicios (2007); Semântica Toponímica dos Municípios Paraibanos (Parceria, 2007); O Despertar da Cultura (Org.; 2008); Aprendamos Español (2009); Na trilha da transdisciplinaridade...(Org., 2010). O Universo Poético de Luiz Fernandes da Silva (Org. em parceria, 2010); A Interculturalidade em ação...(Org, 2010); Presencia de los arabismos en las lenguas castellana y portuguesa... (2011); Trabajando el texto en Lengua Española (Org., 2011); Español en la enseñanza básica (2011); Em busca das identidades linguísticas e culturais (Org., 2012); Um olhar sobre a Pedagogia Moderna (Org., 2012); Entrelaçando as culturas na trilha da cidadania (Org., 2013); Literatura & Linguagens (Org., 2013);Coletânea Poética (2ª ed., 2013); Textos vivos de um imortal nordestino: José Rômulo Araújo Cardoso (Org., 2013); Educação. Cultura. Cidadania (Org. em parceria com Durval Ferreira Vieira, 2013); Reminiscências literárias (2013); Reflexiones poéticas (2ª ed., 2013); Adauto Ramos: Baluarte da Genealogia e Heráldica na Paraíba(Plaqueta, 2013); Assim se faz Literatura (Org. em parceria com Neide Medeiros Santos, 2013); Homenagens em poesia (2ª ed., 2013); Juarez da Gama Batista: um crítico-ensaísta paraibano que faz a diferença (Plaqueta, 2013) ; Amelinha Theorga Ayres: A paisagista do Mar (2014); Joacil de Brito Pereira: Uma Figura Singularíssima (2013); Na Travessia Linguístico-Literária rumo à Cidadania (2014); ; Uma Releitura sob vários prismas no EU de Augusto dos Anjos nos 100 Anos de Ausência (2014). (<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4781292E6>>acessado em 11 de agosto de 2014, às 07:35.)

E como vasta experiência na área educacional, com importantes publicações. Uma pesquisadora nata, e amante das letras, a qual não se cansa de estudar.

Esta paixão começou aos seis anos de idade, quando começou frequentar a escola. A pequena Marinalva Freire da Silva, aos primeiros dias de aula, já demonstrava seu interesse pela aprendizagem, muito calada, tímida, mas curiosa. Ela foi uma criança muito amada pelos pais. E teve que começar muito cedo a trabalhar para custear seus estudos e de seus irmãos, como explicar Diniz (2010:19),

Aos seis anos, começou frequentar a escola pública. Marinalva, desde os primeiros dias de aula, já demonstrava ser uma pessoa grande interesse pela aprendizagem, muita calada, tímida, mas curiosa. Sabemos que a curiosidade é uma grande arma leva a um conhecimento de mundo, como diz o inesquecível Paulo Freire. Marinalva foi, em criança, muito amada pelos pais principalmente por seu Sebastião, eles eram muito amigos e foi com ele que ela aprendeu todas as artimanhas da vida. Amadureceu muito cedo pela sobrevivência, pois trabalha desde os 12 anos incompletos, como professora para sustentar seus estudos e os estudos dos irmãos. Muito confiante em Deus e nos ensinamentos de seu querido pai, soube enfrentar todas as dificuldades, transpor todas as barreiras, tirar as pedras do meio do caminho, pois como diz o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, “no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho”. Como Marinalva sempre repete para seus alunos no intuito de estimulá-los que “quem sabe o que, chega aonde pretende”, ela chegou porque sempre alimentou seu desejo de anular sua pobreza, e a própria, na sua humildade, sempre diz que Deus lhe deu além do que ela mereceu. É uma pessoa muito humilde, e muito agradecida a Deus por ter conseguido vencer, e o mais bonito nela é que sempre representa um oásis na vida dos que a procuram em busca do saber. (DINIZ, 2010:19)

Como expões Diniz (2010), podemos ver a grande necessidade da professora em começar cedo no campo do trabalho, como era natural naquela época, as moças começavam a trabalhar como professoras, sendo assim, uma oportunidade para nossa pequena pagar os estudos dela e de seus irmãos. O que marca, ainda é a forte ligação com seu pai, e a confiança na religião como marco essencial em sua vida, ensinamentos que vão acompanhar por toda sua história.

Ao conhecer um pouco desta grande educadora, ficamos apaixonados pela sua história de vida. Pela passagem acima, notamos que as dificuldades da vida, apenas deram força para ela seguir em frente. A confiança da família, com o amor envolto dela, somado a dedicação aos estudos, e suor de seu rosto ainda de criança, deram o resultado impressionante, surgiu uma mulher forte e com muitas coisas para ensinar a essa sociedade. Mesmo ela não tendo infância nem adolescência, sendo que, não ficou com mágoa.

Em sua vida de professora ensinou em todas as etapas da educação, começando no primário, passado pelo ginásio, indo até científico, chegando à universidade, começando no ensino básico, passou para a graduação e quando se aposentou da Universidade Federal

ministrava aula na pós-graduação, que incluía o mestrado e o doutorado em Letras. Praticamente, não trabalhou fora da sala de aula. Ela encantou a todos os seus alunos, como argumenta Braz (2010:15)

É uma mãezona para seus alunos. É conhecida na UEPB por “Madresora” depois de um poema que lhe foi dedicado pelo professor Josehilton Rocha, seu ex-aluno e se encontra publicado em uma de suas obras. Não preciso dizer que é muito incompreendida porque nem todos os que convivem com ela têm a dimensão de compreendê-la. Ela entende, cumprimenta todos, mas escolhe quem deve desfrutar de sua amizade e companhia. E eu me sinto um privilegiado por ser seu amigo, só tenho a aprender com ela na sua simplicidade de pessoa e de profissional. (BRAZ, 2010: 15)

Nesta mesma linha de pensamento Braz (2010) afirmou que o amor como que os alunos são tratado pela educadora, seduz a todos, o conhecimento intelectual da professora e sua dedicação chamam atenção por cada contato com ela poder ser uma nova aula, ser um processo de aprendizado contínuo. Também, ressalta o exemplo de uma educadora que conhece todos os níveis de ensino e se empenha na formação de novos professores.

Devemos levar em conta a importância desta educadora, que incentiva a educação na Paraíba, procurando sempre o melhor para o ofício do magistério. Podemos notar que a história da professora, Marinalva Freire da Silva, mistura-se com a história da educação do estado. Passando por toda a sua vida profissional no desenvolvimento da educação como objeto de uma missão.

3.2 Ética e Alteridade na Educação

Para dar-se continuidade ao trabalho, devemos entrar na abordagem de ético-educacional dentro do pensamento de Marinalva, que existe um claro comprometimento com a educação, sua preocupação com o processo que se inicia com a formação do cidadão para ser membro da sociedade. Levando em conta a necessidade de se pensar em ética nesse processo. Como podemos começar a entender pelo pensamento de Paulo Freire (1996):

Quando mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação. (FREIRE, 1996:96)

Notamos que a preocupação com o respeito e com os valores de tratamento dentro da esfera escolar, deve partir de todos os agentes envolvidos na educação. Pela passagem acima, podemos imaginar a importância do processo de poder e ética.

Criando uma responsabilidade com todos os envolvidos no processo educacional. A professora Marinalva Freire da Silva, já que notava a necessidade de estabelecer valores para ser propor ao exercício do ofício de ser uma educadora e a preocupação com essas responsabilidades. Como demonstra nessa passagem do artigo da educadora Silva (2012:169), um olhar sobre a fé cristã e a Política:

A consciência moral é um complexo de sensibilidade moral, de núcleo de valores que constituem a moral objetiva e responsabilidade subjetiva, isto porque ela identifica-se com o sentido moral, é a concretização dos valores morais e implica responsabilidade subjetiva no comportamento moral. (SILVA, 2012:169)

A preocupação com os conceitos que envolvem a ética no processo educacional devem ser levados para reflexão. A consciência moral é a verdadeira mola que define o valor da responsabilidade na moral dentro deste processo e se falando de ensino e aprendizagem a moral deve ser posta ao aluno/sujeito a este processo de escolarização. Podemos ainda dizer que a educação necessita destes parâmetros para desenvolver a prática educacional.

Definir ética educacional, para Valls (2005) a ética está em construção em conformidade com as transformações da própria sociedade. Como podemos observar que em Maquiavel a ética se constitui pela necessidade de separação entre o privado e público, a qual pode ser explicada da seguinte forma: o governante quando agente público necessita realizar ações que quando ele era agente privado não era correto. Mas, em nome de agir pela conservação do poder, se torna legítimo essas ações, quando agente público. Como podemos observar no pensamento de Maquiavel (2010:97):

Deixando de lado, pois, as coisas imaginosas sobre um príncipe e discorrendo acerca das verdadeiras, digo que todos os homens dignos de atenção – mas principalmente os soberanos, por ocuparem um posto mais elevado – são julgados por certas qualidades que lhes podem render reprovações ou elogios. Isso porque uns são tidos por liberais, outros, por miseráveis (para usar um termo toscano, porque avaro em nossa língua é também aquele que deseja possuir por rapina: chamamos de miserável aquele que se abstém em demasia de gastar o que é seu); uns são considerados generosos, outros rapaces; uns cruéis, outros, piedosos, uns desleais, outros, fiéis; uns efeminados e pusilânimes. Outros, ferozes e animosos; uns humanos, outros soberbos [...] Sei que todos dirão que seria louvabilíssimo um príncipe ter as melhores qualidades dentre as enumeradas acima. Contudo, como a condição humana não consente que se tenham todas elas, nem que possam ser inteiramente observadas, é necessário ser prudente a fim de escapar à infâmia daqueles vícios que põem em risco o governo; e, se possível, devem-se evitar também aqueles que não comprometem o governo. (MAQUIAVEL, 2010:97)

Maquiavel (2010) destaca a necessidade de desenvolver qualidades que possam manter o poder dentro do espaço tempo que o governante necessita, e que os súditos possam sentir que essas qualidades é que são desejadas em um príncipe. Ficando, assim, a ideia de ética relacionada à necessidade de desenvolver um procedimento de acordo com a função que executamos. Porém na educação podemos observar que Paulo Freire, desenvolve de uma forma muito semelhante à proposta de ensinar como uma especificidade humana, que o educador deverá expor como agente dotado de um senso crítico diferente do que ele tivera quando apenas membro de uma sociedade. Segundo Freire (1996:91):

Que possibilidade de expressar-se, de crescer, vem tendo a minha curiosidade? Creio que uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com a liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita reverse. Segura de si, a autoridade não necessita de, a cada instante, fazer o discurso sobre a existência, sobre si mesma. Não precisa perguntar a ninguém, certa de sua legitimidade, se sabe com quem está falando?. Segura de si, ela é porque tem autoridade, porque a exerce com indiscutível sabedoria. (Freire, 1996:91)

Para tanto, fica explicito a necessidade de construção de uma identidade ético-educacional em parâmetros necessários para chegar a ser um profissional. A segurança que Freire (1996) nos apresenta está ligada a diferença entre antes de ser professor, e com o depois, em ser professor. Desenvolvendo uma tese no sentido que a autonomia em sala de aula está presente pela consciência da diferença de posição nesse espaço. O poder que o professor precisa ter está ligado ao fato dele conhece a própria integridade do plano ético, que ele poderá exercer de uma forma diferente, quando é um educador, e de outra forma, quando ele é educando. Semelhante com o processo que Maquiavel (2010) desejava ao príncipe.

Na possibilidade ainda, ético-educacional podemos combinar com a definição da professora Marinalva Freire da Silva, sobre a fundamentação da formação da sociedade, que condiz a necessidade do homem em encontrar razão suficiente na produção de valores e comportamentos. Que segundo Silva (2012:171):

[...] uma civilização que se entrega aos meios, esquecendo primordialmente os fins, só pode ser uma civilização como a atual, um corpo gigantesco com uma alma pequena. Numa sociedade como a nossa, os homens não encontram uma visão total, mas parcial, falta-lhes o sentido global, o que os leva à neurose, provocada pela falta de um fim na caminhada. E este fim é para quem tem fê, quem crê em Deus, o Absoluto. O ser humano, conforme a cultura na qual está inserido, relaciona-se com a natureza e transforma o mundo (transformando-se). O homem atual está mergulhado numa sociedade de consumo que o aliena. A configuração sócio-

cultural abusa do senso ético; daí a preponderância deste tipo de pluralismo dissolve e estabelece as normas sociais e culturais. E a norma crítica é denotada pela dimensão ética. (SILVA, 2012:71)

A professora, logo, Marinalva Freire da Silva, definiu a sociedade atual que vivemos, a preocupação com estado da alma, passando pela determinação que o homem se apresenta como transformador do meio em se vive. E a configuração do senso ético está relacionada com o modelo que a própria sociedade propõe, que se relaciona com o processo apresentado por Maquiavel, que se passa pela análise da sociedade que o agente ético está inserido, e, ainda, com a autoridade que Freire (1996) coloca com objeto de estudo para alcançar a sabedoria. Silva (2014:72) argumenta que o objetivo destes valores é:

Como podemos observar, a objetividade dos valores é uma objetividade social. Os valores existem unicamente em um mundo social, isto é, pelo homem e para o homem. Por conseguinte, há os valores morais e não morais. Os objetos são, do ponto de vista moral, noutros é a intencionalidade de sujeito que confere ou não moralidade. Os atos morais são assim definidos ou não são realizados conscientes e livremente, e pelos quais se lhes pode atribuir uma responsabilidade moral. (SILVA, 2014:72)

A preocupação como será definida os atos morais, está presente na preocupação como a escola deve se comportar a frente das transformações. Para a educadora, o diálogo é fundamental para o desenvolvimento do agente ético, que não se separa do processo de mudança social. Logo, o espaço escolar necessita de uma reflexão em torno das análises trazidas pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de trabalhar as linhas anteriores sobre Maquiavel, em sua obra mais famosa *O Príncipe*, já podemos chegar a algumas conclusões sobre o tema que se refere a esse trabalho ético-educacional. Essa ideia deve ser desenvolvida com atenção, pois não é fácil extrair ética dos escritos deste autor, uma vez que não trata explicitamente deste termo, tendo ainda a preocupação de construir o paralelo com o pensamento da professora Marinalva Freire da Silva.

Nessa pesquisa buscou tratar Maquiavel no sentido mais técnico possível. O autor florentino é denominado como sendo calculista e frio em seus ensinamentos, muitas vezes sendo mal interpretadas as suas propostas. Para tanto, são necessários estudos que questionem esta má expressão sobre o pensamento de Maquiavel.

A relação entre educação e ética estabelecida nessa pesquisa, se iniciou por Maquiavel secularizou, portanto, a política. Transformou-se em esfera autônoma a política, dotada de valores específicos. O pensamento político de Maquiavel tem uma de suas fontes vitais no questionamento da realidade, e, ainda, levamos em conta o papel fundamental que a ética teve nesse processo, devido ao rompimento com a ética do seu tempo, influenciando a prática educacional.

O modelo ético que devemos levar em conta, é aquele em construção permanente, pois a ética estará sempre refletindo os anseios da própria sociedade, na medida em que os costumes se modificam em conformidade das relações humanas e sociais. Assim, na educação, não seria diferente, ser ético no âmbito escolar é praticar a reflexão da evolução dos hábitos e dos costumes sociais.

O autor florentino escreveu uma obra técnica, preocupada em compreender o fenômeno político em suas origens e em seu desenvolvimento na realidade concreta. De suas ideias, nasceu o maquiavelismo, mas estas ideias não podem ser responsabilizadas pelos crimes cometidos em nome do maquiavelismo, tendo em vista que muitos usaram e usam o nome de Maquiavel na procura de alcançar o poder de forma precipitada. O próprio Maquiavel não pensou que sua obra seria usada neste propósito.

O autor florentino tinha sua perspectiva política no descarte do idealismo da ética cristã, assumindo um ideal próprio. Este rompimento produziu uma distinção entre a ética do governante e a ética do povo. Dentro de uma perspectiva da história, analisava os acontecimentos Maquiavel se preocupava com a verdade efetiva das coisas. O autor florentino

fugiu do pensamento que reinava no seu tempo; deixou de lado a religião, e passou a acreditar no homem. Para ele, a política é praticada pelos homens, então é dos homens que deve vir as escolhas sobre o estado.

Fica clara a preocupação de Maquiavel com a formação dos governantes, e como é importante para o estado ser governado por homens de virtude superiores, para manter o poder e a estabilidade política. Já que o estado para ele, é a única forma de diminuir a condição humana, tendo em vista, que ele acredita na condição humana de viver no caos, sendo o estado o meio para superar este caos. E o ato de ensinar e aprender depende exclusivamente do desenvolvimento da análise da história da sociedade, e se relaciona com a própria da escola.

O escrito maquiavélico trabalha com uma concepção pessimista da natureza humana. Segundo Maquiavel o homem é corrompido e propenso ao mal. O único remédio fundamental contra a corrupção natural da humanidade é o estado. Este, por sua vez, é uma força, uma vontade que se impõe mais pelo temor, do que pelo amor.

O estado para Maquiavel necessita de um governante que tenha astúcia, e pulso forte, um príncipe de virtù superior aos demais homens. Em conforto com o pensamento da professora Marinalva Freire da Silva, fica evidente a necessidade da compreensão das dimensões éticas presentes em nossa sociedade, para também compreender a escola.

Os estados resultam, segundo Maquiavel, da virtude de poucos homens superiores. A ordem é impossível sem a coação e a força que o governante deve exercer se quiser conservar o seu domínio. Para ele, fundar um estado é tarefa para um homem que tenha virtude suficiente para instituir um estado no lugar do caos produzido pela incapacidade de associação natural dos homens, enfim, instituir uma sociedade política, único lugar em que impera a ordem e a harmonia cívica.

Tomar a figura e o pensamento de Maquiavel de modo a dizer que não existe ética, pode ser considerado um equívoco. A questão de fundo, investigada pelo autor florentino, foi analisar se o governante pode agir sempre em conformidade com os princípios éticos aceitos em seu tempo, e desta forma, esperar atingir seus objetivos, ou se devem aprender a seguir outros caminhos quando confrontados com situações difíceis.

Para Maquiavel é aceitável seguir outros caminhos caso esteja em jogo o poder do príncipe, a harmonia dentro do convívio do estado. Maquiavel ver outro caminho na educação. Para ele, uma ação eticamente correta depende de sua finalidade, para a ética privada é incorreto, no entanto, para Maquiavel é permissível dentro das necessidades políticas do estado.

Vale salientar que Maquiavel não aconselha aos governantes a desrespeitar as normas éticas vigentes aceitas em sociedade pelo mero prazer de fazê-lo. Ao contrário, enfatiza que os homens devem se comportar de acordo com as regras éticas sempre que possível.

Posto de outra forma, o grande objetivo de Maquiavel foi saber se a ética é suficiente para mostrar como agir na política em todas as situações, se não deve o príncipe procurar os meios necessários para manter o poder frente ao estado. Para Maquiavel, o príncipe deve e pode tomar qualquer decisão que for necessária para manter o poder no estado. Maquiavel pensa que depois estas ações serão consideradas eticamente corretas.

Além do método que Maquiavel usa na procura de verdade efetiva das coisas, tem os conceitos de fortuna e virtù. Maquiavel trata a questão da ética dentro da relação entre a deusa Fortuna e a Virtù. É muito importante a capacidade sensitiva que o homem tem de compreender e manipular as oportunidades. Desta maneira, o governante virtuoso seria o que percebe e manipula o momento exato criado pela Fortuna.

Maquiavel não chegou a trabalhar o conceito de ética, pelo menos de uma forma explícita, mas trabalhou conceitos importantes, que nos ajuda a entender o texto, dentro de uma leitura cuidadosa podemos aprender que a ética proposta por Maquiavel traz consigo a possibilidade de fazer uma política livre de dogmas que reinava em sua época criando, assim, condições de nascer estados mais fortes e com possibilidades de acertos importantes para a condição humana.

A análise nos mostrar que a produção da professora Marinalva Freire da Silva, compreender a questão ético-educacional fazendo presente pela necessidade de entender como a própria sociedade se modifica e levando o professor a ter necessidade de flexibilidade para acompanhar essas transformações. Ainda, pelo que foi construindo no processo social, Maquiavel no apresentou que só se aprende pela observação da história, para atingir o ideal através da conservação da autonomia do estado, mesma autonomia que Paulo Freire demonstra que o professor deve ter na sua composição como profissional.

Por fim, acreditamos que o conceito ético-educacional presente no pensamento da educadora conduz com os ensinamentos da necessidade da análise social que Maquiavel propõe, pois os valores e a consciência moral estarão ligados ao processo de formação do indivíduo, que o mesmo deverá aprender uma nova ética quando assumir seu papel de educador. Igualmente, como o príncipe que passa de agente privado à ser agente público, também, o professor passa por essa transformação.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Maquiavel: A lógica da Força**. 2ª ed. São Paulo. Moderno, 2006.
- BARROS, Vinícius Soares de Campo – **10 lições sobre Maquiavel**. 2º Ed. – Petrópolis: Vozes, 2011.
- BOBBIO, Norberto, **O filósofo e a política: Antologia**, José Fernandez Santillán (org.); Prefácio de Norberto Bobbio; Tra. César Benjamin, e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- FREIRE, Paulo – **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** – 33º Ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRAZIA, Sebastian de. **Maquiavel no inferno**; Tra. Denise Bottoman; São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GRUPPI, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel**; 14ª Ed, Tra. Dario Canali; Porto Alegre: L&PM, 1996.
- LIMA VAZ, Pe. Henrique. **Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica I**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tra. Maurício Santana Dias; prefácio de Fernando Henrique Cardoso; Tr. apêndices de Luiz A. de Araújo; -, São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- NEDEL, José.; **Maquiavel – concepção antropológica e ética**; Porto Alegre: Edipucrs; 1996.
- NIVALDO JUNIOR, José. **Maquiavel o Poder: história e marketing**; 5 ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- REVISTA CENÁRIO DE LETRAS E ARTES. Ano VI, n. 1. Edição comemorativa – 10 ano. João Pessoa: Ideia, 2014.
- SANCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo, **Ética**. 15ª ed. (Tra. João Dell’Anna.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- SILVA, Marinalva Freire da.(org). **Um olhar sobre a Pedagogia Moderna** – João Pessoa: Sal da Terra. 2012.
- SILVA, Marinalva Freire da. **A fé cristã e a política**. *Revista do IESP*. João Pessoa, n. 1, p. 65-84, Abr., 2001.

_____. **Uma releitura do EU de Augusto dos Anjos no 100 anos de ausência**, 1º Ed. João Pessoa: Ideia, 2014.

-VALLS, Álvaro L. M., **O que é ética?** Editora Brasilense, 2005.

-WEFFORT. Francisco C. **Os clássicos da política.** 13ª ed. São Paulo: Ática. 1989. Vol.